

DE LAÇO DE FITA NO MEU *BLACK POWER*: PROTAGONISMO FEMININO NEGRO NA LITERATURA PARA CRIANÇAS

Luana Passos¹
Claudia Maria Ceneviva Nigro²

Resumo:

Textos sobre o protagonismo feminino negro na literatura cada vez mais ganham espaço no universo literário dedicado às crianças afrodescendentes. São narrativas que, ao tratarem da história e da memória afro-brasileira e seu legado cultural, promovem discussões e reflexões sobre temas étnico-raciais, de negritude e de ancestralidade africana e afro-brasileira. Considerando que a identidade se inscreve em toda a sociedade, a partir das obras literárias infantis *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e *O mundo no Black Power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira, objetivamos discutir de que forma as protagonistas dessas obras contribuem, ou não, para a formação identitária individual e coletiva positiva da menina negra, levando em consideração apontamentos críticos sobre a identidade, o corpo negro, o gênero e a raça. Para realizarmos tais reflexões, levaremos em conta as contribuições teóricas e críticas de Kuisam de Oliveira (2009, 2012, 2014, 2017, 2020), Nilma Lino Gomes (2006), Rita de Cássia Fazzi (2012), dentre outros.

Palavras-chave:

Protagonismo infantil negro. Gênero. Identidade negra. Literatura infantil. Raça.

A RIBBON BOW IN MY *BLACK POWER*: BLACK FEMALE PROTAGONISM IN CHILDREN'S LITERATURE

Abstract:

Black female protagonism in literature increasingly gain space in the universe dedicated to children of African descent. They are narratives that – when dealing with Afro-Brazilian History, memory and their cultural legacy – promote argumentations and reflections on ethnic-racial themes, blackness, and African and Afro-Brazilian ancestry. Regarding identity inscribed in society, we choose some children's literary works as Ana Maria Machado's *Menina bonita do laço de fita* and Kiusam de Oliveira's *O mundo no Black Power de Tayó*, in order to discuss how their protagonists contribute, or not, to the positive individual and collective identity formation of the black girl. For that we consider critical notes about identity, black body, gender and race. In order to accomplish such reflections, we will take into account the theoretical and critical contributions of Kuisam de Oliveira (2009, 2013, 2014, 2019, 2020), Nilma Lino Gomes (2006, 2019), Rita de Cássia Fazzi (2012), among others.

Key Words:

Black Children's Protagonism. Gender. Black Identity. Children's Literature. Race.

¹ Doutoranda do PPG em Letras – Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, campus São José do Rio Preto. SME São José Rio Preto (SP). E-mail: passos_luz@Yahoo.com.br.

² Livre Docente em Crítica Literária. Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, campus São José do Rio Preto. E-mail: cmc.nigro@unesp.br.

LAZO DE CINTA EN MI *BLACK POWER*: PROTAGONISMO FEMENINO NEGRO EN LA LITERATURA PARA NIÑOS

Resumen:

En la literatura textos sobre el protagonismo femenino negro ganan cada vez más espacio en el universo literario dedicado a los niños de ascendencia africana. Son narraciones que, al tratar con la historia y la memoria afrobrasileña y su legado cultural, promueven debates y reflexiones sobre temas étnico-raciales, negrura y ascendencia africana y afrobrasileña. Considerando que la identidad está inscrita en toda la sociedad, a partir de las obras literarias infantiles *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e *O mundo no Black Power de Tayó*, de Kiusam de Oliveira, nuestro objetivo es discutir cómo los En la literatura textos sobre el protagonismo de estas narrativas contribuyen, o no, a la formación positiva de identidad individual y colectiva de la niña negra, teniendo en cuenta las notas críticas sobre identidad, cuerpo negro, género y raza. Para llevar a cabo tales reflexiones, tendremos en cuenta las contribuciones teóricas y críticas de Kuisam de Oliveira (2009, 2013, 2014, 2019, 2020), Nilma Lino Gomes (2006, 2019), Rita de Cássia Fazzi (2012), entre outros.

Palabras-clave:

Protagonismo infantil negro. Género. Identidad negra. Literatura infantil. Raza.

Introdução

Histórias são feitas para tornar as pessoas melhores, não são feitas para serem geniais e inventadas para ficarem mantidas presas em torres de marfim, inacessíveis a tantos. Muitos textos literários são produzidos para serem lidos por todos. Nesse artigo, temos a intenção de tratar de textos literários para crianças e jovens, que trazem a descoberta e a validade de identidades, hegemônicas ou não, e confirmam ou refutam o racismo estrutural a qual estamos expostos; aquele que, para Silvio de Almeida (2019), constitui as relações no seu padrão de normalidade e está tão imbricado na nossa sociedade a ponto de levar os sujeitos muitas vezes a replicarem ações e atitudes impensadas.

As palavras e os diálogos escolhidos para este trabalho perpetuam a criança que há em nós, na poesia e nas reivindicações ideológicas contidas nas histórias aparentemente inocentes. Reconectar as crianças e os adultos leitores com as reflexões que fazemos na nossa sociedade nos ajuda a reinventar a “realidade”, a impactar significados estáticos e endurecidos, a propor meios de perceber o mundo, com suas nuances, tons, sons e percepções.

Para descer da torre de marfim, repensamos os repertórios das bibliotecas das nossas escolas, onde há o reconhecimento da representatividade de alguns grupos e, na ausência ou no encobrimento (livros escondidos em armários por coordenadores e/ou não utilizados pelos docentes), o desconhecimento das perspectivas de outros grupos.

Essa falácia da democracia na leitura tem a necessidade de ser revista. Se todos tem importância, por que as histórias continuam mantendo as crenças limitantes de racistas, sexistas e homofóbicos? Na contemporaneidade, como resultado da luta de autores em movimento, temos a oportunidade de ler outros livros, outros mundos, outras autorias.

Uma das discussões, a ser aprofundada aqui, é a encontrada em dois textos dessa literatura que encanta e nos leva a desconstruções e revisões sobre o instituído: o registro do protagonismo feminino negro por meio de duas personagens, uma menina sem nome e Tayó. Começemos por aquela sem nome.

Menina bonita do laço de fita

Como já apontamos acima, o racismo estrutural permeia até as produções cuja intenção é colaborar com os argumentos contrários ao racismo. Kiusam de Oliveira (2017) afirma continuar o racismo sendo estrutural, parte de um construto educativo que se inicia na infância e, portanto, faz-se necessária a sua desconstrução por aqueles com um olhar mais dinâmico sobre a constituição do país, sem expressar juízo de valor ou afirmações como as de que as contribuições dos brancos no Brasil são mais significativas que as contribuições de indígenas e de negros. Portanto, sem juízo de valor analisaremos agora uma obra literária usada à exaustão em escolas públicas e privadas brasileiras como combate ao racismo. A partir de nossa visão, mostraremos a importância e, também paradoxalmente, a manutenção de indícios propagadores de concepções ainda racistas e sexistas.

Entendemos a revolução empreendida pela publicação em sua época, mas aqui discutimos a manutenção exaustiva de uma única obra e um único momento na educação (mês da consciência negra), tantos anos depois e com tantas outras obras hoje a nossa disposição.

Publicado originalmente em 1986 no Brasil, pela jornalista, escritora e membro da Academia Brasileira de Letras Ana Maria Machado, o livro já teve uma recepção calorosa da crítica, pois Machado estava incluída no métier da literatura da época: exilada em 1970, trabalhou em Londres e Paris, além de fazer um curso de altos estudos cujo mestre era Roland Barthes. Terminou o doutorado sobre a obra de Guimarães Rosa em Paris. Foi editora e criadora de uma das primeiras livrarias especializadas em literatura infantil. Tem produção vasta (100 livros), algumas traduzidas, e ganhou vários prêmios. Quem discutiria com essa

escritora? Seus livros estão lá. Significaram muito durante a ditadura militar e parece que os blindaram de quaisquer críticas. Nosso intento não é o de desmontar tão cuidadosa produção, mas desvelar o racismo estrutural e o machismo nele contidos.

Preservar a ligação da mulher com a beleza não é ainda manter o valor feminino ligado somente ao prazer do outro? Bonita para quem? Valorizada por quem? Com que finalidade? Ligar a criança à beleza física tem algum propósito?

Já na capa do livro vemos o nome da autora em rosa no centro acima e no mesmo tom e centralizado abaixo o nome do ilustrador Claudius. No centro um pouco a direita temos uma menina negra, com os cabelos trançados e com uma fita vermelha no final de cada trancinha. No entanto, a menina sem nome, não é a protagonista única da história: ela divide a capa com um coelho branco adulto, centralizado à esquerda, cujo olhar de apaixonado é ratificado por seis coraçõezinhos vermelhos. Como um adulto animalizado apaixona-se por uma criança? A menina apresenta-se com batom vermelho.

Amanda Braga (2015, p.258) relata que o século XX fará surgir uma *beleza moral*, entendida como tentativa de “[...] aplacar estereótipos oferecidos ao corpo negro pelo período anterior, muito embora essa moral tenha sido corrompida pelos tantos sambas que tinham no corpo supostamente sensual da mulata sua inspiração.” O corpo da menina sem nome do livro traz o batom vermelho, expondo marcas estereotipadas acerca das mulheres negras desde a infância, sensualizando meninas e as tornando atraentes somente para os animais mais velhos, caso do coelho branco que, mais tarde no texto, comprova seu fascínio – o mesmo do colonizador pelas mulheres consideradas exóticas – arrumando uma parceira da mesma cor da menina.

A produção da personagem negra no texto verifica-se por uma visada cujos acertos ocorrem por ocasião da sua publicação, quando não ser racista era muito importante. Agora, necessita de uma revisão, pois é necessário sermos antirracistas. Nas primeiras páginas da narrativa, por exemplo, a autora descreve a menina negra: “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite” (MACHADO, 1986, p.2). No entanto, ao descrever a pele “escura e lustrosa” apresenta uma comparação da menina com outro animal: uma pantera negra pulando na chuva.

O cabelo da menina é bonito, mas a próxima sentença sobre ela inicia-se com – “Ainda por cima” (MACHADO, 1986, p.4) – reforçando que a mãe o “domava”, fazendo trancinhas europeizadas, com laços de fitas nas pontas. A narradora cita os reinos da África e uma fada do luar. A ilustração referente ao cuidado ancestral da mãe é linda.

Contudo, na página seguinte, aparece o coelho branco enorme com um olhar afetado ratificando a excitação expressa no texto por meio da descrição do coelho: “[...] de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando” (MACHADO, 1986, p.5), apesar de associar o seu desejo com a esperança de ter uma filha pretinha.

Não há a descrição do protagonismo da menina. As ilustrações são problemáticas em relação à menina: envolta em um pano branco, dançando e mostrando as pernas em uma, fazendo exercícios em uma barra, onde o foco é também as pernas, agora coloridas com a cor rosa das meias calças (MACHADO, 1986, p.6).

O narrador dá a voz ao coelho. É o animal quem produz as questões endereçadas a ela. A história não se constrói sobre quem é a menina, sobre a sua identidade e percepção no mundo: “Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?” A ilustração apresenta uma menina na rede, com a mão esquerda segurando um livro de capa verde e a mão direita acariciando o próprio cabelo, e uma perna para fora da rede. As respostas da menina não demonstram o conhecimento da própria história: “A menina não sabia, mas inventou [...]” (MACHADO, 1986, p.7). Inventou haver caído na tinta preta e assim o coelho pintou-se de preto. Depois tomou chuva e ficou branco de novo. Alguma semelhança com o Black Face?

Na segunda pergunta a ilustração traz a menina com cadernos e livros dispostos no chão. O coelho faz a mesma pergunta e dessa vez ela inventa ter tomado café. Na terceira, ela inventa ter comido muita jaboticaba. Essas situações narrativas criam um senso de humor aparentemente inconsequente, desvelando a ignorância da menina comparando-a com a do animal.

Há uma quebra na perspectiva quando o ilustrador (MACHADO, 1986, p.13) retrata a menina no colo da mãe mostrando a foto da avó. O coelho abaixo e à direita assiste a ancestralidade com muita curiosidade. Na quarta vez que faz a mesma pergunta a menina responde: “A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha [...]” (MACHADO, 1986, p.14). Apesar de ser comumente utilizado na época, o termo mulata merece ser eliminado.

O protagonismo é do coelho. A ilustração da página 15 mostra a parede cheia de retratos da família do coelho: o patriarca, um casal, um bebê e a família toda, diferentemente da menina que tem apenas um retrato do rosto da avó (mãe solo). A ilustração é associada ao texto: “E aí o coelho – que era bobinho -, mas nem tanto [...]” decide casar-se com uma coelhinha preta. A ilustração da página 17 mostra o desejo sexual do coelho, com os olhos dilatados, a mão no peito, a boca aberta e um “Ah, eu tô maluco!” escrito ao lado. A posição corporal é de ataque e o texto comprova a facilidade do branco em encontrar uma parceira: “Não precisou procurar muito. Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça”. A ilustração seguinte é de uma coelha marrom, apaixonada, com batom vermelho, bem sensual. (MACHADO, 1986, p.18)

O problema da eugenia e miscigenação vem bem ilustrado nas páginas 19 e 20: uma ninhada de coelhinhos, com só uma coelhinha preta. O texto confirma o resultado: “Tinha coelho para todo gosto: branco bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.” A menina, ao final, torna-se madrinha da coelhinha preta. Não tem namorado, não casa, não tem pai, não tem nome. Será que esse texto ainda deva ser usado nas escolas? Com que finalidade? Manutenção do racismo e do sexismo estrutural? Contemplemos outros horizontes.

O mundo no Black Power de Tayó

A literatura para crianças e jovens caminha cada vez mais no compromisso de problematizar situações sobre práticas antirracistas para o universo da infância. Especificamente, quando nos remetemos ao texto literário voltado para a criança e a sua respectiva infância, temos, obviamente, um leitor literário que lê a partir da leitura do outro. Sendo assim, podemos afirmar que não é o primeiro leitor.

Nesse sentido, o adulto é aquele que empresta os seus olhos para as crianças realizarem suas leituras e, também, é aquele ao qual, frequentemente, produz o texto literário para as infâncias. O entrelaçamento entre o criador do texto de receptividade infantil, isto é, o adulto, e o leitor adulto ou criança proporciona em certo momento uma construção de texto e um código de leitura no qual a criança é vista como um “[...] receptor passivo, por meio de personagens modelares, absorve exemplos de bom comportamento e valores a serem seguidos.” (DEBUS, 2017, p.38).

Por outro lado, aquele que alicerça os modelos – os protagonistas das narrativas – apresenta características vinculadas aos grupos mantenedores do poder, por certo não contemplando a diversidade étnica, silenciando a representação de personagens negras, indígenas, asiáticas entre outras (DEBUS, 2017, p. 38).

Para a estudiosa na área de literatura afro-brasileira, Maria Anória de Jesus Oliveira (CORREIO NAGÔ), houve um aumento de livros que discutem a temática racial, no entanto, muitos livros produzidos não conseguem interromper ideias e conteúdo preconceituosos, racistas e com a visão equivocada de África – muitos são afro-oportunistas e não estão envolvidos com as relações étnico-raciais.

Heloisa Pires Lima (2005), ao tecer apontamentos sobre os personagens negros na literatura afirma ser a literatura infanto-juvenil um ‘[...] “filão” de uma linguagem a ser conhecida, pois nela reconhecemos um lugar favorável do conhecimento social e à construção de conceitos.’ (LIMA, 2005, p. 101.).

Continua a autora,

A psicanálise folheou as ingênuas obras e nos contou uma história de profundos conflitos psíquicos, relacionando personagens a chaves emocionais, como abandono, perda, competitividade, autonomia, etc., que auxiliaram na ordenação da caótica vida interna da criança em formação. Para além de uma função, a terapêutica, as narrativas voltadas para o leitor jovem apresentam o dinamismo das diferentes culturas humanas e o que imaginamos ser um espaço de significações, aberto às emoções, ao sonho e a imaginação (LIMA, 2005, p.101).

Nesse sentido, temos em uma obra literária, voltada para crianças e jovens, um diálogo com suas mais diferentes emoções, manifestação cultural e social de modo também a expressar valores, crenças, representações e simbologias. Se ler o outro e sobre o outro tem importância fundamental na formação leitora do indivíduo, o contato com textos literários, que apresentam personagens em diferentes contextos, [...] permite uma visão ampliada do mundo (DEBUS, 2017, p.29).

As infâncias são fases muito importantes nas vidas das crianças. É o momento de grandes construções, descobertas e aprendizagens. E dentro dessas vivências e experiências as crianças notam as diferenças raciais em seu convívio percebendo e constituindo a sua consciência racial.

Para Rita de Cássia Fazzi (2012, p.84), “no mundo infantil, ser considerado *moreno* ou *preto/negro* é significativamente importante e pode representar um tratamento social diferenciado.” Em seus estudos, a autora observa, entre crianças, a estigmatização da categoria preto/negro e a valorização da categoria morena, esta última não se manifestando como prática nas categorias de xingamentos.

Uma criança classificada como *preta/negra* dificilmente escapa das avaliações negativas e comentários depreciativos associados a essa categoria, podendo a sua autoestima ser muito mais atingida do que as que se consideram e são consideradas *morenas* (FAZZI, 2012, p.85).

É evidente a problemática envolvida na “classificação” ancorada em características da aparência, pois não garante a eliminação do preconceito racial.

A ênfase dada pelas crianças ao aspecto estético, distinguindo entre o que é feio e o que é bonito, sugere o desenvolvimento do preconceito racial visual, provavelmente através de pistas verbais, quando da aquisição de padrões de beleza. Desde muito cedo a criança aprende, por exemplo, que cabelo liso é cabelo bonito, e esse padrão é reforçado, uma vez que parecem ser raros, senão inexistentes, elogios aos cabelos crespos durante a infância. Fernanda, 9 anos, morena, respondeu à pergunta “alguém já te falou que o seu cabelo é bonito?” da seguinte forma: “não, ninguém fala. O Nenem (um colega de outra turma que tem o cabelo liso) fala que o nosso cabelo é duro.” (FAZZI, 2012, p.85).

Fazzi (2012), ainda relata, em suas pesquisas com crianças, que a expressão “nega do cabelo duro” é usada como forma de inferiorização, como revelado na fala de outra criança:

[...] os menino lá de rua fica, quando eles vê a Fernanda, eles falam um negócio do cabelo dela e aí quando vê eles falam a mesma coisa. Igual um dia que o menino falou que o cabelo dela é duro. Eles ficam cantando: nega do cabelo duro que não gosta de pentear, quando passa na boca do túnel o negão começa a gritar. (FAZZI, 2012, p.115).

Essas experiências raciais apontadas ainda são respingos de todo um projeto de seleção eugênica por que passavam negros escravizados e por negros que ainda não possuem sua negritude afirmada e empoderada. O cabelo e o tom de pele são vistos como determinantes no processo de seleção eugênica.

O primeiro, à esteira do turbante, ainda no momento escravocrata, era sinônimo de linguagem “O significado social do cabelo era a riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam lugar de importância na vida cultural de diferentes etnias.” Visando, no entanto, a aproximação com o modelo europeu – justamente devido ao processo de seleção –, emergiria a preferência por um tipo de cabelo cacheado que já não era o crespo, mas cacheado, fruto da miscigenação (BRAGA, 2015, p. 256-257).

Nessa perspectiva, os penteados africanos tenderam cada vez mais a uma “necessidade” de aproximação ao “padrão branco.” O século XX, por exemplo, registra uma radicalização desse processo, “ exemplo de modernidade e elegância”.

Os séculos XVIII e XIX, imbuídos de num sistema escravocrata, construíram uma *beleza castigada*, ligada ao corpo e bifurcada entre o olhar do negro sobre o negro e o olhar do branco sobre o negro: as escarificações, as marcas tribais, os penteados africanos, o achatamento do nariz e a imagem dos dentes são elementos exaltados apenas pelo olhar do negro sobre o negro. Num olhar inverso, que faz o branco o observador, apenas o seu modelo deveria ser posto enquanto conceito de beleza, daí as seleções eugênicas (BRAGA, 2015, p. 257).

Para Munanga (2006, p. 15), no prefácio do livro “*Sem perder a raiz*” de Gomes (2006), destaca:

Desde a construção da ideologia racista, a cor branca com seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana com base na qual foram projetados os cânones da estética humana. Por uma pressão psicológica visando à manutenção e à reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia ‘racial’ de um grupo sobre outros, os negros introjetaram e internalizaram a feiura do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada em seu favor.

Visto desse ângulo, ‘nosso’ corpo e seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção da identidade. [...] Ora, para libertar-se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. (MUNANGA, 2006, p. 15)

Isso acontece no *O mundo no black power de Tayó* (2013), de Kiusam de Oliveira. Eleita como uma das dez escritoras mais importantes para a formação infantil pela ONU, Kuisam de Oliveira é professora e educadora, mestre em Psicologia e doutora em Educação pela USP. Em 2009 começa a lançar seus livros, *Omô-Oba: histórias de princesas* (2010) recomendado pelo FNLIJ/2010 e selecionado pelo PNBE/2011. Recebe o Prêmio ProAC

Cultura Negra 2012 com a obra literária *O mundo no Black Power de Tayó* (2013). Também é autora dos livros *O mar que banha a Ilha de Goré* (2015) e *O Black Power de Akin* (2020).

O protagonismo e o empoderamento de personagens negras na literatura pode ser visto em *O mundo no black power de Tayó*, onde Kiusam de Oliveira narra sobre uma menina negra de seis anos, que experimenta e vive o seu processo de empoderamento e fortalecimento, orgulhosa de si e de sua ancestralidade, conhecedora de sua história e identidade. A personagem Tayó, ao retratar sua negritude e beleza negra, rompe com construções destrutivas sobre símbolos da identidade negra no Brasil, com ênfase no corpo e no cabelo.

Seus **OLHOS** são **NEGROS**, tão negros como as mais escuras e belas noites que do alto miram com ternura qualquer ser vivo.
Do fundo desses olhos escuros saem faíscas de um brilho que só as estrelas são capazes de emitir.
Seu nariz parece uma larga e valiosa **PEPITA DE OURO**.
Grossos e escuros como orobô, seus lábios encantam, só se movendo para dizer **PALAVRAS DE AMOR**. (OLIVEIRA, 2013, p. 11-14).

A narrativa carrega e também ensina sobre as relações étnico-raciais e como reverter práticas preconceituosas e racistas vindas do ambiente escolar, ou em qualquer espaço institucional e social.

Bem-humorada, quando seus colegas de classe dizem que seu cabelo é ruim, ela responde:
— **MEU CABELO É MUITO BOM** porque ele é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo, porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso.
Quando retorna para casa pensativa com toda a falta de gentileza dos seus colegas, **TAYÓ** projeta em seu penteado, mesmo sem se dar conta disso, todas as memórias do sequestro dos africanos e africanas, sua vinda à força para o Brasil nos navios negreiros, os grilhões e correntes que aprisionavam seus corpos. Tudo isso bem guardadinho lá no fundo da sua alma.
Mas, quando recupera o seu bom humor, é capaz de transformar todas as **LEMBRANÇAS** tristes em pura alegria, projetando em seu penteado todos os sons e cores alegres das tradições que os negros e negras conseguiram criar e preservar [...] demonstrando que nem correntes nem grilhões conseguiram aprisionar a **ALMA POTENTE DOS SEUS ANTEPASSADOS**. (OLIVEIRA, 2013, p. 27-31).

A firmeza de Tayó diante as agressões verbais e psicológicas são ensinamentos para meninas e meninos, mulheres e homens, negras e negros, brancos e brancas, e outros grupos raciais. A menina, sem se deixar ser vencida enfrenta a situação com energia positiva, força e muita coragem demonstrando como sua infância e o seu jeito de ser criança negra é e está sendo construído alicerçado em conhecimentos da história e cultura africana e afro-brasileira, transmitindo esse saber pela literatura transformando especialmente as crianças negras e as brancas. Em entrevista ao Lunetas, a autora Kiusam de Oliveira faz a seguinte afirmação refletindo sobre a infância e a criança:

Penso numa infância em que as crianças são consideradas partes fundamentais de um todo bem maior que elas, já preestabelecido e onde devem participar de uma gama variada de experiências que as coloquem frente à frente com novos desafios e situações para que sejam capazes de desenvolver suas capacidades de protagonizar, de escolher, de opinar, de se emocionar, de enfrentar problemas e de se solidarizar. É nessa perspectiva conceitual que haverá quem pense que tratar de preconceito, estigma, discriminação e racismo estrutural no Brasil não são assuntos para a infância, inclusive acrescentando que nenhuma criança é racista. (OLIVEIRA, 2017)

Em continuidade às ideias da autora, há um grupo distinto formado por aqueles que incentivarão e encorajarão as crianças no enfrentamento de assuntos como o preconceito, o racismo estrutural, a discriminação, o estigma, “[...] porque mesmo acreditando que a criança não seja racista, se aceita que ela é capaz de reproduzir o racismo que vê, ouve e aprende em casa” (OLIVEIRA, 2017).

A literatura e a linguagem literária tem o poder de compartilhar com o leitor de qualquer idade e pertencimento étnico-racial, valores, origem sociocultural, histórico e até mesmo ideológico. Para Kiusam de Oliveira, literatura infantil e arte devem andar juntas e podem ser analisadas como uma ferramenta relevante para o empoderamento de crianças e jovens negros, bem como para a aprendizagem de não negros nesse processo de educação das relações étnico-raciais de modo que se “vejam no processo relacional com a diversidade entre as pessoas a partir das diferenças.” Por isso, a proposta contida na linguagem do texto literário revela a beleza do negro, fortalecendo as características da criança negra que possui cabelos crespos, nariz largo, lábios grossos, etc. (OLIVEIRA, 2017).

Em O mundo no black power de Tayó a primeira linha da primeira página, alegria e ancestralidade africanas yorubas, explicitadas no nome Tayó, introduzem a história:

TAYÓ tem 6 anos. É uma menina de beleza rara. Encantadora, sua beleza contagia a todos que perto dela ficam. Seu rosto parece uma moldura de valor, que destaca **BELEZAS INFINITAS**. (OLIVEIRA, 2013, p. 8).

Dessa maneira, a narradora apresenta a menina à sua leitora e ao seu leitor, valorizando a estética negra e ensinando às brancas e aos brancos os padrões de beleza diferentes dos seus. Essa literatura que ensina sobre outro padrão de beleza, empodera e fortalece, é chamada por Kiusam de Literatura Negra de Encantamento.

Ela está focada na ancestralidade e no fortalecimento das identidades negras. Ela é capaz de atingir as estruturas psíquicas mais profundas de jovens e crianças negras, provocando as costuras psíquicas necessárias para que suas identidades, fragmentadas pelas vivências racistas, sejam reconstruídas de forma saudável. Tal literatura depende da arte presente nas ilustrações que devem encantar crianças e jovens negros para que se sintam orgulhosos do que veem e se reconheçam naquelas imagens. (OLIVEIRA, 2017).

As ilustrações no livro de Tayó foram feitas por Taisa Borges. As imagens, assim como a narrativa, mostram a beleza negra de mãe e filha, a força da ancestralidade e do empoderamento feminino. De um colorido intenso e delicado, a ilustração da pequena menina negra, com seus traços negroides marcantes e a potencialidade de seu black power, vão de um vermelho intenso, cor forte e de energia ao rosa e amarelo na apresentação da protagonista. O verbal e o não-verbal acompanham a apresentação de Tayó e o seu penteado, seu nariz simbolizando uma larga pepita de ouro em contraste com as cores preta/dourada e seus lábios de orobô. Ao seu redor, aves, flores, borboletas, gatos e cachorro de um colorido tão intenso quanto ao da protagonista e da sua mãe.

A Literatura e linguagem Kiusamiana traz ao texto e à linguagem literária a reflexão e a discussão dos corpos negros (Tayó e da sua mãe) libertos do sofrimento causado em situações de conflitos pelo não entendimento e violentação deste corpo por construções racistas e simbólicas ao longo dos séculos. O posicionamento das personagens desconstrói narrativas racistas e nos ensina sobre a educação antirracista e o empoderamento feminino desde a infância.

A linguagem Kiusamiana também corrobora no construto identitário. A menina de seis anos de beleza rara tem nome, Tayó. Sabemos o quanto o nome é importante para a

construção e o fortalecimento da nossa identidade individual. Tayó: nome próprio africano, cujo significado é Alegria. Quanta alegria quando podemos nomear crianças negras, identificadas e carregadas do nome ancestral, do nome do tronco africano ao qual a criança negra faz parte e constrói a sua identidade individual. Ao refletirmos sobre as possibilidades de entendimento desse último conceito, podemos verificar sempre algo que nos identifica, quer seja no nome carregado de memórias e ancestralidades, quer seja em marcas identitárias como as escarificações, as pinturas no corpo, o modo de se vestir ou os modelos de penteado do cabelo!

Os nomes próprios em yorubá, orùkò, “são formados por diversas palavras, vindo a compor um nome relacionado com fatos ou divindades, entre outras coisas, tornando-os bastante significativos” (BENISTE, 2014, p. 594). Recebemos o nosso orùkò aqui no Brasil quando nascemos, e esse nome passa a nos diferenciar de nossas irmãs, nossos irmãos, nossos pais e nossos avós.

O nome representa a identidade individual de uma pessoa. Essa identidade individual gerada ou concebida na constituição pessoal, pelo nome ou orùkò e pela identidade familiar, marca a existência e a pertença ao mundo. Essa materialidade da identidade individual pode ser exemplificada na certidão de nascimento, na carteira de identidade e, aqui nesta discussão, como constitutivo da linguagem literária expressa e materializada no livro para crianças e jovens.

Finalizando...

Após a apresentação dos dois livros, pudemos constatar que às crianças do século XXI só podem ser dadas oportunidades para construir as suas identidades e também para desconstruir crenças hegemônicas ainda cristalizadas e presentes, herdadas do processo de colonização e escravatura, a que foram submetidos os afro-brasileiros.

A utilização de outras leituras na escola, com protagonistas cujas vozes podemos ouvir, são bem-vindas. Há premência em aprendermos sobre as ancestralidades africanas para reconstituir nosso imaginário restrito às ancestralidades europeias e ampliar o respeito às mulheres negras que circulam com seus corpos na sociedade.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p.594.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Paulo: EdUFSCAR, 2015.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás e Georgina Martins**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, Heloisa. **Personagens negros um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In: MACHADO, A. M. Menina bonita do laço de fita. São Paulo: Ática, 1986.

MACHADO, A. M. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/ana-maria-machado/biografia>. Acesso em: 01 jul. 2020.

MUNANGA, Kabengele. (Org). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2016.

OLIVEIRA, Kiusam. **OMQ-QBA, história de princesas**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

OLIVEIRA, Kiusam. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2012.

OLIVEIRA, Kiusam. **O mar que banha a Ilha de Goré**. São Paulo: Peirópolis: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Kiusam. **A criança é capaz de produzir racismo**. [Entrevista concedida a] Camila Hoshio. Lunetas, São Paulo, 22 dez.2017. Disponível em <https://lunetas.com.br/entrevista-kiusam-de-oliveira/> - Acesso em: 19 jul. 2020.

Aliada à Educação, literatura-juvenil conta história do povo negro. Correio Nagô. Disponível em <http://correionago.com.br/portal/aliada-a-educacao-literatura-juvenil-conta-historia-do-povo-negro/>. Acesso em: 19 jul. 2020.